

Homenagem ao Contardo

LUCIANA OLIVEIRA DOS SANTOS*

O caminho

A caminho do consultório do Contardo, na rua Batataes, me sentia como se estivesse chegando em casa. Como gostava muito de ir a pé no trecho final, descia do ônibus na Av. Paulista. Me lembro das ruas arborizadas, os muitos carros e pessoas compondo a paisagem até chegar ao prédio antigo, porém bonito e aconchegante.

Nessa caminhada, já sentia um contentamento, um estado de paz e um prenúncio da alegria de me sentar nos bancos do pátio do prédio, fazendo hora para a sessão. Em seguida me identificava na portaria, com porteiros amáveis e gentis, como a maioria dos paulistas, subia os dezoito andares e entrava naquele espaço, com a porta sempre aberta e um Batman na parede, convidando para o consultório.

Ali as portas realmente se abriam, para o que havia de mais inusitado que pudesse acontecer, para o vínculo, para o encontro com o outro. Era uma espera ao mesmo tempo ansiosa e alegre. Sempre me interessava pelos livros que me faziam companhia na sala de espera, sejam de arte ou o

* Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Jataí (UFJ/GO). Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq) Subjetividade, Gestão e Cuidado em Saúde. Filiada como Participante ao Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

lançamento de algum compêndio de poesias – a variedade de gêneros literários era ampla. A leitura trazia algo novo, um frescor em meu dia de trabalho – muitas vezes tenso. O simples fato de estar ali anunciava o que viria a seguir: um encontro, a potência de um encontro, de um vínculo. Até ele chamar, com o sotaque italiano que ainda lhe restava: “Oi, Luciana. Vamos?” Eu sentia um frio na barriga por não saber o que iria acontecer. Mas sabia que sairia melhor. Esse melhor nem sempre eram sorrisos. Por vezes eram dores, feridas abertas, lágrimas, muitas lágrimas. Mas depois secavam. Outras, faziam brotar flores. Ou amor.

O laço

Meu primeiro contato com Contardo Calligaris foi por meio de seus textos na Universidade, quando cursava Psicologia. Tive noção de sua importância no cenário da psicanálise, não só no Brasil, mas no mundo. Descobri sua potência por seus textos e crônicas, em especial, aquelas publicadas na *Folha de São Paulo* às quintas-feiras. Suas análises da clínica do social pela psicanálise reverberavam em mim de tal forma (e até hoje!), para o que Jurandir afirmava como “humanamente útil”¹, e era o que eu *queria para meu futuro profissional*. O olho brilhou e entendi.

Naquelas aulas da universidade, sinto que se deu o laço, ao menos no inconsciente, que se transformou em sonhos que foram, aos poucos, se tor-

1. Jurandir Freire Costa, no artigo *Rorty: a dignidade em forma de vida*, comentando o impacto do livro *A Filosofia e o Espelho da Natureza* de autoria de Richard Rorty, após a morte do autor, destaca suas duas grandes injunções: “1) a dor física e a humilhação é o que de pior podemos fazer a nosso próximo; 2) estender tanto quanto possível a referência do pronome nós é o que de melhor podemos fazer uns aos outros”. Para Rorty, afirma Jurandir: “pensar era um modo particular de viver, e viver era estar atento ao Outro. Era um exercício constante de colocar-se em seu lugar e imaginar o que poderia torná-lo mais livre ou mais submisso, mais feliz ou mais miserável, para, então, decidir o que era humanamente útil, e, conseqüentemente, moralmente verdadeiro. (...) Em suma, o pensamento rortiano é um condensado, um magnífico breviário do que melhor se produziu em matéria de ética no domínio da ética ocidental”.

nando realidade: embora eu nunca pudesse imaginar que isso iria ocorrer, e que eu futuramente teria a honra de fazer análise com ele.

O encontro

Ao terminar de ler *Cartas a um jovem terapeuta*, eu quis fazer análise com ele. Na leitura pude perceber que ele cuidava de casos um tanto quanto complicados, como achava que seria o meu. Diante de meu receio, recebi o incentivo de uma amiga para lhe escrever. Meio relutante, escrevi. E, para minha surpresa, ele respondeu, marcando uma consulta.

Me recordo bem da primeira ida ao seu consultório. Um fim de tarde nublado, como também estava meu interior. Lembro de seu semblante sereno na consulta, me ouvindo em silêncio. Sem dizer uma palavra à sessão toda, ele simplesmente se levantou e disse: “ok, Luciana, te espero aqui na próxima semana, nesse mesmo horário”. Sem combinar preço, nada. Simplesmente me ouviu e marcou a próxima sessão. Eu me senti tão feliz por estar ali e ocupar um espaço-tempo destinado a mim – o que, aliás, nunca mudou. Ele nunca alterou o horário nem o dia da análise. Ele sabia o quanto a continuidade e a constância eram importantes para o andamento da confiança na minha análise.

E assim que Calligaris foi aos poucos se tornando de carne e osso para mim. A partir de nossos encontros, fui tornando sua imagem menos idealizada e mais dentro do real. Passei a chamá-lo pelo seu primeiro nome, Contardo. Porém, não foi possível desidealizá-lo totalmente – e assim me sinaliza a escrita deste texto.

A transferência

Na relação com Contardo, me sentia efetivamente ouvida. Nunca me considerei uma pessoa fácil de lidar e ele realmente tinha interesse pelas mi-

nhas histórias, minhas andanças, meus percalços, meus desalinhos. Mais que isso, era alguém que me suportava. A palavra suportar vem do latim *supportare*. O sentido original é carregar o peso, aguentar, tolerar algo penoso (dor, frio, humilhação e alguém difícil, por exemplo). Na psicanálise, Winnicott apresenta outro sentido para o termo: suportar como *dar suporte*, sinônimo de sustentar, que se aproxima do resistir, mas sem ceder ou retaliar. E isso é fundamental para que um ser humano se desenvolva. Contar-do representava os diferentes sentidos do termo para mim. Tanto me ensinava a tolerar as perdas, frustrações e fracassos que a vida apresenta, como a suportar relações difíceis e intoleráveis. Sobretudo suportar a mim mesma, sem ver o problema nos outros. E isso era raro para mim.

Por meio desse vínculo, eu me aprumava e me desaprumava de quando em vez. A sensação que tinha após ser ouvida por ele é que voltava para casa. Ao mesmo tempo, por vezes, me desalojava, porque esse lugar que chamamos de nossa casa, nosso eu, é sempre revisitado e múltiplo. Temos muitas moradas, em um caráter processual, em construção. Me ensinou, tanto! Sobre esse lugar de escuta clínica a partir de seu próprio exemplo como analista e exemplo de vida.

Acho que uma das palavras que mais ouvi durante a análise foi “claro, Luciana”. A partir de minha busca por ser perfeita, ele sempre dava um jeito de me aterrisar. ‘Menos, Luciana, bem menos’ – era assim que eu entendia o seu “claro”. Ao mesmo tempo, havia confiança dele em mim, que eu mesma não tinha.

O vínculo transferencial não costuma se estabelecer facilmente e com ele foi imediato. No primeiro dia eu confiei. Até aquele momento não sabia se terminaria minha tese de doutorado por conta das questões de trabalho. Ele nunca desistiu de me fazer acreditar que eu daria conta. E dei. Não sem dor ou prejuízos que sei que tive. Pela minha história de vida, eu não podia desistir do doutorado e ele sabia disso. E essa análise foi das vivências mais transformacionais da minha vida.

Tive a sorte de conhecer alguém que apresentava ideais de vida em que eu acreditava. E isso também era válido para a importância dada à prática analítica. Ele tomava como exemplo sua própria análise, ao afirmar que jovens terapeutas em momentos de incerteza e dúvida, podem se inspirar em

seu próprio processo analítico: “lembre que a análise funcionou, e curou ao menos um, você próprio”².

Aqui testemunho os benefícios de uma prática como essa comporta. A partir desse encontro, não fui mais a mesma (mas ao mesmo tempo era), e minhas tardes de quinta-feira me lembravam e me remetiam a um compromisso feito a dois, ao silêncio, à escuta, aos risos, ao amparo. E não parava por aí, reverberavam durante toda a semana.

O Contardo e o Calligaris

Nesta narrativa, vou me referir ao Calligaris – escritor, romancista, diretor, psicanalista – e ao Contardo, que era meu analista e, por que não dizer, meu amigo. Foram vinte anos entre uma análise e outra e um tempo de comunicação por e-mail ou telefone entre elas. As palavras vão faltar e as lágrimas vão tomar lugar ao fazer esta homenagem, que muito me honra e me orgulha.

Ao receber o convite da querida Maria Theresa Costa Barros, editora desta revista, para fazer parte de uma homenagem dessa envergadura, titubeei. Mas ele me permitiria essa ousadia, então, o Contardo que internalizei me autorizou. Como ele diria, simplesmente: “faça esta homenagem”. Ao responder que se trata de uma tarefa muito difícil, ele responderia: “Sim, e daí? Putz, Luciana, você consegue, qual o problema?”. Assim, cá estou.

Migrações: entre o eu e o outro

Quero demarcar brevemente traços da minha história de vida que me identificam com a do próprio Contardo, que traz a marca da migração. Assim como ele, houve várias migrações em minha vida. Desde migrações geográficas maiores – já morei em seis cidades diferentes no Brasil

2. Ele se referia a uma gastrite que tinha e desapareceu após o seu processo de análise, em *Cartas a um Jovem Terapeuta*.

– ou pequenas migrações, como os deslocamentos da casa dos pais para a dos avós ou dos tios, em prol de maior acolhimento e cuidado, na infância e adolescência.

Meus tios expressavam um intenso amor pela literatura, artes, poesia, música e esse é outro elo de identificação com Contardo, quando em seus escritos ele diz ter se permitido escrever romances, após já ter se firmado como expoente psicanalista. A arte ocupando esse lugar do espaço transicional, ambiente suficientemente bom que se situa em um entre, em um espaço inter-relacional.

A análise

Minha análise formal com o Contardo durou três anos, de 2005 a 2008, quando pude me aproximar de meus maiores receios. Criou-se uma atmosfera de cuidado, a partir de um vínculo e de uma presença implicada, de uma escuta qualificada, extremamente atenta, competente e cuidadosa. Ao mesmo tempo, uma presença em reserva, para citar o conceito de Luis Cláudio Figueiredo.

Contardo sempre me encorajou a permitir adentrar aventuras amorosas, casar, arriscar a me abrir para o outro. Me ajudou a assumir os riscos da possibilidade de me enganar ou acertar, errar e sofrer. Me estimulou a experimentar o que a vida nos permite usufruir “com as perdas, feridas e dores” e se deliciar com as alegrias do encontro, de “morder a vida com mais gosto”, em suas próprias palavras.

Tive momentos de extrema ternura. Em outros, entrei em contato com raivas e dores extremas. Me permiti vivenciar um lugar feminino na vida, na esfera sexual, sensual, em uma esfera livre de tantos preconceitos e misoginia, tal como Contardo aborda e discute na clínica, e Calligaris discorre em tantos trabalhos. Perdemos um grande aliado, que fazia diferença no debate sobre gênero. Mas ele deixou seu legado para as gerações futuras.

Análise não se termina, se modifica

Em meio a tantas idas e vindas, São Paulo foi um lugar e um espaço em que eu queria ficar. Mas, em 2008, fui convidada para assumir um novo trânsito: uma promoção importante na empresa em que trabalhava, dessa vez em outra cidade. Com a minha relutância em sair de São Paulo, Contardo me falou: “Luciana, se uma análise for impeditiva para que o analisando dê um importante salto, essa análise não está funcionando”.

Foram frases que ficaram marcadas para mim, que faziam parte da nossa relação desde seu início. Na mudança para Brasília, em pleno estresse, adoção, de uma infecção intestinal que rapidamente evolui para um quadro séptico, sendo internada e ficando alguns dias em estado grave de saúde. Quando finalmente melhora o quadro clínico, mas ainda no hospital, ligo para ele e conto o que aconteceu e ele diz: “Você não precisava passar por isso, Luciana”.

Após a alta hospitalar, finalmente me mudo em definitivo para Brasília, o que levou minha análise formal com o Contardo ao fim em 2008. A análise foi interrompida, mas não o vínculo. A relação foi mantida por troca de e-mails ou, quando era preciso, em sessões esporádicas com ele em São Paulo.

Coincidências

Em 2009, logo que cheguei a Brasília, contei ao Contardo por e-mail um fato lamentável ocorrido em um hospital público do Recife envolvendo a equipe médica que foi designada pela justiça a realizar um aborto em uma criança de dez anos que havia sido estuprada pelo pai. Essa equipe é referência em Pernambuco na humanização na atenção à saúde das mulheres, incluindo os cuidados obstétricos. A menina franzina não sobreviveria a essa gravidez.

A instituição pertencia ao SUS e fez um procedimento na época que, foi rechaçado pelo arcebispo da cidade, que excomungou todos os membros da equipe médica. A equipe salvou a vida da menina, mas pagou o preço.

O mesmo arcebispo, à época, acusou o presidente Lula de ser um católico mais ou menos, por se manifestar favorável a essa decisão médica.

Comovida, contei esse episódio por e-mail ao Contardo, perguntando se ele havia tomado conhecimento do caso. Na semana seguinte, ele aborda essa temática em sua coluna na *Folha de São Paulo*, que trazia como título: *Um arcebispo mais ou menos*. Ele tinha essa habilidade de tratar com leveza, senso de humor, criatividade e muita sabedoria e competência, temas dos mais complexos e delicados, com a coragem que, a meu ver, poucos têm, de se expor a críticas. Ele era alguém que problematizava as certezas, fazia sempre a gente pensar sobre algo, ele criava em nós um espaço. Reverberava a possibilidade de dar sentido ao vivido, mesmo que esse vivido fosse uma experiência de dor, ferida e trauma.

Calligaris tinha também esse contundente papel social: por meio de suas crônicas semanais na *Folha de São Paulo*, aliviava nossas dores do viver, com um entrelaçar do drama. Sempre fazia referência a um livro, seja qual gênero literário, como policial ou romance, a um filme ou a uma obra de arte. Assim, suas crônicas semanais também eram uma forma de cuidado, e uma intervenção *na clínica do social* na medida em que havia o atravessamento de seu olhar para a vida e o mundo, enlaçado com o universo da arte, endereçado ao leitor. Para nós, leitores, e acho que também para ele, a arte funciona como esse objeto intermediário, estético, transformacional (BOLLAS, 2015), que nos auxilia a dar sentido a nossos traumas, angústias; o não dito ganha sentido, reverbera em nossa existência. Uma escrita atravessada por um olhar de alguém como Calligaris, costumava criar espaço e nos guiar rumo a uma maior abertura.

O retorno

Minha segunda análise com Contardo foi em 2018. Passei a morar em uma cidade pequena, após ter sido aprovada em um novo concurso público para professora universitária, em uma instituição federal de ensino. Pedi que ele me atendesse novamente, dessa vez *on-line*. Ele atendeu ao meu pedido. Acho que à época, eu já sabia que ele estava doente, embora não tivesse certeza, porque nas sessões sempre me vinha o medo de que ele morresse.

Em 2020, diante da pandemia, continuamos as sessões, que estavam bem espaçadas. A generosidade dele, no entanto, não permitia falar de si, ele dizia sempre não ter gravidade, que em breve voltaria às sessões. Após um encontro, Contardo falou no programa *Cafê Filosófico* sobre o sentido da vida. Dizia que o sentido da vida era a vida por ela mesma. Não era além da vida. Ele falava que não queria ter uma vida feliz, mas uma vida interessante. Com a vivência das perdas, das feridas e das dores.

Então assumo aqui essa honraria e responsabilidade de fazer parte desta homenagem, para honrar sua escrita e sua história na defesa desse lugar da mulher como ser desejante e do papel da análise nesse processo. Existe uma dimensão que sinto que o Contardo conseguiu sustentar comigo, uma indissociabilidade entre delicadeza e corte. Ele estava sempre muito presente, nunca me deixou sem uma resposta nos e-mails. Ao mesmo tempo ele me solta, diz “vai”, então isso é muito interessante em minha relação com ele, a delicadeza e o corte.

Então, escrevo também para testemunhar os benefícios de uma relação de vínculo terapêutico como a que tive com ele, única, cujas experiências tiveram o poder de elaborar situações delicadas e curar muitas feridas, que ficaram impressas. A cada sessão de análise, suas palavras ou um silêncio eram o suficiente para fazer a vida valer a pena, com sua escuta qualificada, que tinha uma função terapêutica e transformadora. Desde esse período ele me acompanha, até hoje, quando às vezes me pego pensando sobre o que ele diria se estivesse aqui, ou o que ele faria, diante daquela ou dessa situação.

Assim, me arvorar a partir daqui a direcionar minha escrita a ele próprio, como se estivesse em seu consultório, escrevendo uma Carta a um jovem terapeuta, já que ele era jovem na época em que iniciei a análise.

Carta ao Contardo

Olá, Contardo,

Toda essa narrativa é endereçada a você, que não está mais aqui fisicamente, mas paradoxalmente está. Apreendi com você a direcionar ou me

apropriar de meus fantasmas, feridas e dores para um laço com o social. Você estimulava isso nos escritos semanais na *Folha de São Paulo*. Entrego nesta escrita meu profundo agradecimento.

Trago em mim as marcas dos imigrantes (o que nos une; me identifico com você). Por um lado, somos estrangeiros em um lugar, carregando a culpa e vergonha por ter deixado uma história, família e amigos. Por outro, podemos ver que todos somos errantes. Seja nos lugares que habitamos ou em nosso corpo. Errantes também no nosso tempo aqui na terra ou nas próprias identidades, que são múltiplas.

Ultrapassamos diferentes fases da vida e com elas mudamos nossos sonhos, quem somos e desejamos ser. Apostamos na vida e em sua invenção. Por meio de seus escritos, você sempre apontou essa possibilidade. Também, que às vezes somos estrangeiros de nós mesmos.

Como diz em seu texto *Notebooks on migrations* (CALLIGARIS, 1997, p. 177), citando Dumont (1986), nós migrantes, deixamos para trás nossa comunidade de origem, os laços, os valores, e seguimos para a nova vida com uma confiança mínima de que nossa humanidade e ações concretas decidirão se seremos bem acolhidos nessa nova comunidade.

Dependemos do olhar do outro para validar nossa existência naquele novo mundo. Só que, ao contrário da infância, não há promessa de familiaridade futura – há apenas a negociação constante entre pertencimento e estranhamento. Mas é no desconforto que algo se abre.

A partir desta perspectiva, gostaria de te homenagear por meio da arte. Lembro do *Filho de mil homens*, de Walter Hugo Mãe. Para quem não leu o livro ou assistiu ao filme, trata-se de um pescador que resolve ser pai aos quarenta anos. O enredo se passa com esse pescador, Crisóstomo, desejando construir uma família. Constrói uma família meio às avessas do que se considera socialmente aceito, ao menos na pequena vila de pescadores em que mora. Mas não é tão diferente de alguns centros urbanos que conhecemos.

São histórias de vidas duras, envoltas em preconceito, estigmatização e hipocrisia, envolvendo questões como de gênero, classe social ou deficiências. Histórias de vida duras, marcadas por tragédias e traumas. Nessa obra, a reconstrução dos sonhos se dá desde o início do enredo. O sofrimento humano sempre me tocou fundo, em especial o sofrimento psíquico. As dores

da alma. Acho que por isso me emocionei tanto ao assistir a esse filme, que diz muito da minha história.

Crisóstomo tinha muitos sonhos e vai enfrentando as dificuldades com a marca do amor e do acolhimento. Na narrativa há sujeitos que vão construindo a vida de forma a se aproximarem de seus sonhos. Uma cena retrata isso, com uma frase que se repete por meio de uma música: *“a pessoa que eu sonhava eu vi aparecer”*. Ele resolve espalhar bilhetes pela cidade em que dizia querer adotar uma criança. Ele se encoraja e assume seu desejo, se autorizando a ser pai. Encontra e adota Camilo, um menino órfão. Começa a formar uma família diferente dos moldes tradicionais, também com outros personagens marcados por exclusão e solidão. Dessa forma, vemos a importância de se passar à ação, com a implicação de seu desejo, expressando-o. O universo se encarrega, e uma criança passa a ocupar esse lugar tão desejado.

Na minha trajetória de vida, esse cenário do imaginário à ação é presente, e você, Contardo, é uma das pessoas em minha vida que sempre me empurraram na direção do meu desejo, por mais distante que fosse da minha realidade. Conte também com os estudos, as migrações, que entrelaçaram trabalhos e amores possíveis, como os do filme.

Na trama, são enlaçados sonhos possíveis, apesar das tragédias, preconceitos, estigmas, mortes, traumas e exclusões que deixam marcas nos personagens principais. Histórias trágicas transgeracionais se entrelaçam. Tal como seu filho, Crisóstomo é órfão. Quando criança viu sua mãe ser enforcada em praça pública. Ficou com seus pertences, incluindo a casa à beira-mar e uma concha, à qual recorre em momentos de pura dor, como o seio de uma mãe que nutre e acolhe. O que restou dessa mãe é o simbólico de um ambiente suficientemente bom internalizado, que deu forças para seu caminho.

Em meio a silêncios, olhares, os dois vão construindo uma família nesse lar à beira do mar. Nas palavras do Walter Hugo Mãe: “eles se sentiam de um tamanho cada vez mais infinito e não precisavam falar. Comunicavam-se pela intensidade dos sentimentos”; “Todo mundo é filho de muitos homens e mães. É tanto sonho que vai passando um para o outro, que ninguém nunca vai estar sozinho”; “Pouco do que tinha lhe servia de felicidade. Mas o homem sonhava tão grande que um obstáculo era um

pequeno atraso, não uma desistência” e “com o seu inusitado entusiasmo, mudava o mundo”.

E me remeto ao papel de um analista na vida de seu analisando: escutar o que o analisando está narrando, seja em palavras ou silêncios. Acompanhá-lo nas andanças da vida. Ao mudar o olhar, muda a relação entre eles, e assim pode-se mudar o mundo dos dois, ou dos que fazem parte daquele enlace, e que podem ser alcançados a partir deste elo.

Uma família pode ser feita de muitas coisas, dizia Crisóstomo. Também fez parte da minha vida meu vínculo com você, que me permitiu dar sentido aos meus sonhos e para quem eu tinha um real endereçamento das minhas histórias. Assim, me senti filha de mil homens e mulheres e atravessada por tantos sonhos, que nunca poderei me sentir sozinha.

Viro para o lado da cama, vejo meu companheiro e meu cãozinho adormecidos. Acho que isso é amor. O amor deles tem feito a diferença em minha vida, e acreditei que seria possível amar novamente, mesmo depois de tudo.

A dor, a necessidade, o sentido dado ao sofrimento, encontra ressonância a partir de um endereçamento que lhe era dado, como agora. Há um interlocutor, mesmo que simbólico. Empatia, resposta, aposta, implicação e confiança. Fazer parte desta homenagem para você, Contardo, portanto, é uma honra e alegria. Ao mesmo tempo, também é um desafio doloroso e triste, porque já faz seis anos que você morreu, meu analista e meu amigo, e sinto sua falta.

A ausência é sentida, mas ao mesmo tempo eu celebro a tua presença. A relação transferencial analista-analisanda se estabeleceu e o vínculo permitiu que o inconsciente entrasse em trabalho.

Então, Contardo, você nos ajudou e ainda ajuda a enxergar o quanto nossa identidade é menos sólida do que imaginamos. Migrar é expor esse mecanismo. Obrigada por permitir as transgressões, por abrir suas fragilidades em suas crônicas, livros, séries, por nos permitir vê-lo como um Contardo humano, extremamente humano.

O agradecimento se estende ao oferecimento de um espaço de cuidado, nos nossos encontros, a cada quinta, presenciais ou não. Posso dizer que foi formado um vínculo ético de cuidado. A dimensão do cuidado é intangível.

Então trago uma cena do documentário de curta metragem, *North Atlantic*, escrito e dirigido por Bernardo Nascimento e lançado em 2012.

O filme, baseado em fatos reais, conta a história de um controlador de tráfego aéreo isolado em uma pequena ilha dos Açores que entra em contato com um piloto solitário, perdido e à deriva sobre o Atlântico. O diálogo entre os dois personagens me remeteu ao nosso vínculo, à nossa despedida.

O piloto não tinha combustível suficiente para aterrissar na pista de pouso mais próxima e as chances de pouso à noite eram quase nulas – não havia muito o que pudesse ser feito. Então, diante de alguém que está prestes a morrer, o funcionário quebra os protocolos de comunicação no trabalho e abre um diálogo. Eles compartilham seus nomes reais e um pouco de suas vidas solitárias, como uma espécie de suportar/sustentar o momento da morte. Há um aspecto de uma dor na relação entre eles, mesmo que velada. Ao mesmo tempo, há um cuidado, – o piloto não está sozinho em seu processo de morte. Ele sabe que vai morrer, mas mantém a serenidade até o fim e não deixa de se interessar pelo outro.

Cecílio (2018), a partir de *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, ressalta as dimensões intangíveis de cuidado e que ultrapassam as convenções sociais prescritas, ou de protocolos de trabalho, sejam médicos ou não, e como diante do momento da morte abre espaços para a transgressão e o humano ganha a cena. O piloto, embora prestes a morrer, se interessa pelas histórias de vida de quem está do outro lado do rádio.

Diante do apelo pela presença do outro, o operador de tráfego aéreo permanece ali. Mesmo em silêncio, diz que vai deixar o canal aberto. Meio que intuitivamente, pega seu violão e começa a dedilhar uma canção para o piloto que permanece na escuta. Parecia ser uma canção que ele ainda não tinha feito, mas cuja composição tinha iniciado (estava difícil ele fazer sozinho?). Quando o controlador para de tocar, o piloto pergunta: “o que está fazendo?”. “É meu violão, não estava pensando em nada específico. “Continue... você vai achar uma melodia”. Os dois seguem juntos, a melodia vai surgindo e a música ganha vida.

Em seguida entra um terceiro na cena. Um faroleiro na Escócia estava ouvindo, começa a batucar junto com o violão. O piloto fecha os olhos e começa um assovio, compondo a melodia. E assim eles continuam, até o

radar não conseguir mais capturar a aeronave do piloto. Na manhã seguinte, James Compston foi encontrado morto dentro de seu avião. Deixou um bilhete aos dois homens do Atlântico Norte: “Um dia, vamos tocar juntos de novo. Não se apressem”.

Assim como James, você, Contardo, conseguiu acompanhar nossas melodias, bem como ajudou a compô-las, mantendo sua escuta clínica ao longo do tempo, mesmo ao final de sua vida. Sabíamos que não estava bem, mas você suaviza sua partida, ainda com o senso de humor que lhe era característico.

Em uma das nossas últimas sessões com vídeo você apareceu com os cabelos caídos e eu perguntei: “O que você tem, Contardo, está sem cabelo?” Ao que você me responde, ignorando a primeira pergunta: “Mas dizem que vai crescer, Luciana”. Então abriu um sorriso esperançoso e ambos rimos. É importante dizer que esse ar de esperança não estava em você, na verdade, mas em nossa relação de mutualidade de cuidados, na medida em que eu ainda poderia vê-lo como um ser vivo, como o meu analista, e você sabe que eu vou seguir vendo-o assim, apesar de você não estar mais aqui.

Relendo seu romance *O Conto do Amor*, para entrar no clima dessa homenagem, vejo como seu pai deixou enigmas para você percorrer após a sua morte. Você conta que percorrê-los fez parte da elaboração de seu luto, e o fez ir atrás de diversas pistas de arte. Então o mergulho nas memórias do pai impulsionou seu amor pela arte.

Algo semelhante aconteceu comigo. Aceitei o convite da querida amiga Theresa para estar aqui, tal como você seguiu os enigmas. Celebro também essa amizade e oportunidade, bem como com as preciosíssimas interlocuções com amigas queridas, a quem eu enderecei estas palavras, além de você, e que suportaram/sustentaram a escrita desta homenagem.

Na travessia de escrever essa narrativa, ocorreu algo mágico que acontecia em nossos encontros: eu me reencontrei. Confesso que estava com saudades de mim. Obrigada, por mais essa, Contardo. E faço minhas as palavras do piloto: “Nos encontraremos um dia e continuaremos a compor essa música. Não tenham pressa”.

Para finalizar, deixo as palavras de Thit Nat Han, em sua poesia: *Uma nuvem nunca morre*: “Se você pensa que uma nuvem morre, está errado. Pois é impossível para uma nuvem morrer”.

Contraditoriamente, lembro do que você me falou, diante do término de um relacionamento no qual o vínculo afetivo era forte: “Não deixarei de achar que foi bom apenas porque não vai se repetir”. Siga em paz, Contardo. Até um dia.

Com amor,

Luciana

Referências

BOLLAS, C. *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. São Paulo: Escuta, 2015.

CALLIGARIS, C. Notebook on Migrations. *The Medical Anthropologies in Brazil*, v. 12, 1997.

_____. *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. Rio de Janeiro, Campus, 2004

_____. *O conto do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CECÍLIO, L. C. de O. “A morte de Ivan Ilitch” e as múltiplas dimensões da doença. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 381-388, 2018.

MÃE, W. H. *O filho de mil homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NORTH ATLANTIC. Direção: Bernardo Nascimento. Monocle Studio, Caravana Filmes, 2012. (15min) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aSc-wR4tmFmI>>. Acesso em: 24 mar. 2026.

Junho de 2026

Luciana Oliveira dos Santos

lucianaoliveira@ufj.edu.br

Jataí - Goiás - Brasil